

GUERRA SEM INTELLIGENCE

Pedro A. R. Esteves

JOHN KEEGAN

**Espionagem na
Guerra – Conhecer
o Inimigo
de Napoleão
à Al-Qaeda**

Lisboa,
Tinta da China,
2006, 475 páginas

A obra *Espionagem na Guerra*, do britânico Sir John Keegan é, fatalmente, um livro sobre guerra, sobre batalhas, táticas militares, dilemas dos chefes na tomada da decisão, factores aleatórios e imprevisíveis no combate. Não é, na realidade, um livro sobre *intelligence*. A tradução do título do livro de *Intelligence in War* para *Espionagem na Guerra* acaba, aliás, por ser feliz ao reduzir o termo *intelligence* (aquilo que, em português se designa por «inteligência» ou «informações») a um dos subprodutos operacionais daquela actividade: a espionagem. Neste sentido, diga-se, aproxima-se da abordagem redutora de Keegan da actividade da *intelligence*. Os mais de quarenta e cinco anos de John Keegan ao serviço da historiografia militar, na academia (Royal Military Academy, Sandhurst) e como correspondente no *The Spectator* e editor de defesa no *Daily Telegraph*, e as dezasseis monografias sobre geoestratégia e guerra falam por si e colocam-no no salão de honra da historiografia militar do século XX e talvez do século XXI. O seu estilo de escrita, atraente e corrido, a abordagem do papel da tecnologia na guerra e o enfoque sobre os

aspectos psicológicos dos grandes actores militares da história tornam-no num autor original e atraente para o leitor comum. A interessante apresentação gráfica desta edição da obra de Keegan e a excelente tradução são garantias de que o tempo despendido na leitura do *Espionagem na Guerra* será um boa opção.

Desiluda-se, porém, quem pense que tem na sua frente um tratado sobre *intelligence* em tempos de guerra, sobre os seus métodos, evolução e produto final. Não é, de facto, sobre *intelligence* que trata o livro mas sobre guerra – no mar, no ar e em terra – sobre táticas de combate e a respectiva coordenação no teatro de guerra e sobre o papel das comunicações na condução das operações militares. Em rodapé, numa função quase complementar e marginal, trata-se do papel das informações, com especial incidência sobre o COMINT (Communications Intelligence) e o SIGINT (Signals Intelligence), em particular na sua vertente intrusiva (intercepção e descodificação). A HUMINT (Human Intelligence) e alguns *case studies* sobre desinformação e contra-informação também ocupam um pequeno espaço nos relatos

de guerra de Keegan, embora, como ele próprio admite («A espionagem é a serva do guerreiro, não a amante»), a juzante da verdadeira guerra – o combate pelas armas. A decisão do general e o dedo no gatilho do soldado é que ditam a sorte na guerra e não a penetração no campo hostil do informador ou a caneta e o papel do analista de Informações.

Abordando o papel da *intelligence* no combate através de diversos *case studies*, o leitor não se esclarece nem sobre o porquê dos momentos históricos seleccionados nem sobre onde entra a *intelligence*, mesmo que apenas como apoio importante nas operações militares.

NELSON NO MEDITERRÂNEO E JACKSON NO VALE DE SHENANDOAH

Apesar da notável narrativa – porventura a mais interessante – sobre a perseguição do almirante Nelson à frota de Napoleão Bonaparte pelo mar Mediterrâneo em plena Guerra Napoleónica (finais do século XVIII), onde se abordam os erros de interpretação de Nelson, a falta de meios de guerra e de informações fiáveis («informação vital»), as insuficiências das técnicas de comunicação entre navios (sinalética), a descoordenação entre o Almirantado e o Foreign Office, permanecem marginais os métodos de recolha, disseminação e integração das informações no terreno assim como qual o seu sentido. Restam apenas, de passagem, algumas referências à «guerra da informação», em particular à contra-informação e desinformação promovidas pelos franceses com o objectivo de confundir os britânicos sobre o paradeiro e objectivo de Napoleão durante as

suas movimentações pelo Mediterrâneo. A escassez de fontes de informação locais é também mencionada mas nenhuma conclusão se retira dessa constatação nem sobre a sua influência no fracasso da missão de Nelson.

O segundo *case study* incide sobre a Guerra Civil Americana, perto de sete décadas mais tarde, em particular a ofensiva da União (nortistas) sobre a Confederação (sulistas) no vale de Shenandoah, na Virgínia. O papel do general sulista Thomas «Stonewall» Jackson é, na linha da narrativa de Keegan, central. Também aqui são tratadas as questões relacionadas com o conhecimento do terreno ou a falta da informação sobre este e os problemas de comunicação entre unidades de combate – agora com a introdução de uma nova tecnologia (o telégrafo), tida como decisiva no desenrolar dos combates. A HUMINT («um leal sulista») e o volume de informações locais merecem destaque e são tidas como decisivas no sucesso militar dos sulistas. No entanto, apesar de, frequentemente, Keegan sublinhar a importância das Informações Estratégicas, não as materializa e, na maior parte das vezes, confunde-as com informações táticas e militares. O factor de desequilíbrio neste combate veio a resultar do facto de, tão-só, Jackson conhecer o terreno e as populações locais, com as quais convivia.

AS DUAS GUERRAS MUNDIAIS

Os capítulos sobre a «Espionagem sem fios» e «Creta: o conhecimento antecipado nem sempre ajuda» decorrem no período da I e da II Guerras Mundiais e constituem, em especial o último, excelentes estudos

sobre o papel das comunicações do desenrolar das operações militares (navais, aéreas e terrestres) e os primeiros passos no domínio da criptologia, decifração e interceptação das comunicações – aquilo a que Keegan chama «guerra sem fios». Este é claramente o domínio em que Keegan melhor se exprime e mais se aproxima de um ramo da actividade de *intelligence* (COMINT). O papel da Divisão de Informação do Almirantado, conhecida por OB40 (Old Admiralty Building Room 40), na descodificação das comunicações militares alemãs (superiores no domínio desta técnica) e a descrição das técnicas de cifragem são exaustivamente abordados e devidamente valorizados por Keegan, sendo de destacar a explicação sobre o *modus operandi* do programa alemão de cifra «Enigma» e as diversas tentativas de descifração por parte de polacos e britânicos. O sucesso dos aliados neste domínio é tido como decisivo para a boa condução das operações contra o regime nazi. No entanto, de novo, e com base no desenrolar da Batalha de Creta, o resultado final da batalha a favor dos alemães é justificado pelos erros de interpretação dos chefes militares britânicos, até porque «o valor da informação depende do uso que dela se faz», escreve Keegan.

A guerra no Pacífico Central e Sul (1941 e 1942), as ambições geoestratégicas do Japão e a guerra das comunicações (intercepção e criptoanálise) são profundamente tratados no capítulo 6. De novo, a abordagem de Keegan centra-se no plano das comunicações e nos avanços feitos no domínio da linguagem cripto. Aquilo que é comumente explicado

como um fracasso da *intelligence* dos EUA em Pearl Harbor, não merece igual conclusão por parte de Keegan – a possibilidade do poder político americano ou dos aliados ter conhecimento dos planos japoneses é levantada neste capítulo. Os avanços dos norte-americanos na descodificação das comunicações japonesas são, por sua vez, apresentados como factor decisivo na Batalha de Midway (4 de Junho de 1942), onde a própria composição da frota japonesa terá sido a primeira e mais crucial descoberta, permitindo aos americanos contrapor o poderio naval japonês com vectores aéreos que ditaram a vitória americana. Porém, no final, o próprio Keegan interroga-se sobre a centralidade da COMINT na vitória dos EUA. Como o próprio escreve: « Na guerra os resultados são, em última análise, um assunto do corpo e não da mente, da força física e não de planos ou espionagem.» A narrativa sobre a Batalha do Atlântico segue uma linha semelhante à do Pacífico, com actores (Reino Unido e aliados norte-americanos, por um lado, e Alemanha, por outro lado) e vectores de guerra (a emergência do poder submarino e a introdução de novos meios de detecção submarina – o sonar) diferenciados mas com critérios de análise semelhantes, centrados no poderio bélico e na guerra das comunicações cripto. A análise visionária de Churchill é particularmente destacada, em especial no que toca à importância das rotas atlânticas para o abastecimento das Ilhas Britânicas, na linha da valorização do pensamento das chefias, caracterizadora de toda a obra de Keegan. Também o papel da espionagem foi referido mas, como habitual-

mente, considerado secundário porque, para Keegan, a Batalha do Atlântico «podia ter sido vencida sem a ajuda dos descodificadores».

O capítulo sobre as armas secretas dos alemães é, na perspectiva da *intelligence* (HUMINT e SIGINT), o capítulo mais interessante do livro. Não tanto por ser o único que escapa ao prisma da «*intelligence* igual a interceptação de comunicações», incidindo sobre a utilização de fontes humanas na recolha de informações sobre o inimigo, mas por tocar numa questão central da actividades de Informações: a aceitação e a compreensão do produto da *intelligence* pelo poder político. Fontes ocasionais, fontes pagas, contactos diversos (onde se incluíram antigos prisioneiros de guerra) são a matéria-prima do jogo do gato e do rato que caracterizou o desenvolvimento do programa de armas secretas pelos alemães (armas não-pilotadas) e orientou a reacção de Londres, directamente ameaçada, no sentido da obtenção de informações confirmadas e credíveis, orientadoras da necessária resposta militar a adoptar – materializada no raide a Peenemunde (centro de desenvolvimento do programa alemão), em Agosto de 1943. Keegan aborda mesmo algumas das questões internas do sistema de informações britânico e a sua capacidade de análise coordenada e dos benefícios daquilo a que Churchill chamava «tensão criativa» entre serviços como o Secret Intelligence Service (MI6) e o Special Operations Executive (SOE) – de resto, segundo Keegan, com resultados tardios devido aos poucos meios humanos (infiltração) dos serviços britânicos em território alemão. O próprio Churchill terá

reconhecido a lentidão da resposta britânica, afirmando que «fomos apanhados a dormir» quando Londres acabara de ser alvo dos primeiros mísseis de cruzeiro alemães. A espionagem científica é, certamente, dos ramos mais exigentes da *intelligence*, não só por ser particularmente difícil recrutar informadores entre os técnicos e cientistas envolvidos em programas tecnologicamente sofisticados como por ser ainda mais complexo infiltrar agentes em meios tão reservados. Keegan acaba por reconhecer esses limites e prestar, dessa forma, uma homenagem discreta aos técnicos da *intelligence* britânica.

AS FALKLANDS E A GUERRA AO TERRORISMO

No Epílogo e na Conclusão do livro, Keegan aborda os casos da Guerra das Falkland (1982), da Guerra do Golfo («a última grande guerra do século XX») e da «guerra contra o terrorismo». Fá-lo para destacar a importância do COMINT e da superioridade tecnológica no domínio da criptologia, justificando a vitória dos aliados ocidentais pelo maior domínio destes vectores na preparação das operações militares e antecipação das intenções do adversário (argentinos e iraquianos), nos dois primeiros casos.

O carácter não-convencional da guerra contra a Al-Qaeda parece confundir Keegan, e a abordagem deste conflito no contexto da presente obra parece pouco útil, induzindo a uma contradição de fundo entre o papel marginal da *intelligence* em todos os conflitos aqui tratados e a sua centralidade no domínio do terrorismo, defendendo inclusivamente o «recurso ao

mais antigo dos métodos de espionagem, a contra-espionagem pessoal e directa». Se esta centralidade se deve ao tipo de «guerra» a empregar em relação ao terrorismo, então Keegan não o justifica senão pela ideia do «choque civilizacional»; se se deve ao facto de o fenómeno do terrorismo de inspiração islâmica não implicar a condução de uma «guerra» no sentido utilizado por Keegan e expresso no título, então a sua inclusão neste livro é deslocada. As máximas de Keegan – «no final, só a força conta» e «a guerra de espionagem não tem força suficiente para atacar o inimigo» – não são compatíveis com a defesa de que o terrorismo só pode ser vencido por dentro, através de uma brecha no universo fundamentalista, aberto pelos serviços de informações ocidentais – algo que certamente não começa pela força militar nem constitui uma estratégia com resultados de curto prazo.

Não se espere encontrar em *Espionagem na Guerra* uma obra sobre *intelligence*. É, sobretudo, uma interessante colecção de narrativas de guerra, onde o papel das técnicas de *intelligence* nestes pedaços de história é abordado sem ser relevado. Keegan não é um cientista político, nem um especialista de informações: a sua formação é inspirada por décadas de historiografia militar. Porventura, esta obra seria de referência se a Keegan se tivesse juntado um Laurence Lustgarten, um Ian Leigh, um Michael Herman, um Christopher Andrew ou um Patrick Birkinshaw. Assim, é um livro sobre a guerra em diferentes teatros de operações, sobre os líderes militares nos seus dilemas, sobre a corrida às tecnologias militares mais avançadas, sobre o papel auxiliar e raramente indispensável das Informações.

Parafraseando John Keegan, a *intelligence* não é certamente a sua amante. **RJ**